

Penso que as profissões ligadas ao cuidado, como a(s) minha(s), requerem certa vivência para que sejam exercidas com a compaixão necessária. Vivência essa que, não obrigatoriamente, está relacionada com o tempo Cronos, mas sim com a intensidade com que as próprias experiências pessoais foram vividas, percebidas e elaboradas. É claro que o tempo cronológico nos possibilita, ou até nos sujeita, a viver uma quantidade maior de tais experiências, mas elas não terão relevância se não forem significadas. Então, não é só passar pela vida, é preciso viver em toda a plenitude possível, mesmo que desagrade, mesmo que machuque, mesmo que doa. Que me perdoem os meus colegas mais novos, mas eu acredito que a juventude carrega uma onipotência e uma crueldade inerentes que a impede de compreender em profundidade a dor do outro. O conhecimento teórico e a competência técnica são fundamentais, mas um cuidador só será digno desse nome no momento em que puder acolher a dor do mundo, não por ter ouvido falar ou por ter lido a respeito dela, mas por tê-la vivido. Por ter sido submetido à agonia quase insuportável de suas feridas narcísicas, por ter sido desapontado, por sofrer decepções, por ser obrigado a duvidar das suas certezas mais íntimas, por ter seus planos e sonhos mais caros postos por terra mas, mesmo assim, manter a capacidade de compadecer-se daqueles que infligiram a ele tamanhos sofrimentos, pois são humanos também. Quando puder manter, dentro de si, um espaço de compreensão, acolhimento e gratidão. E ainda seja capaz de amar.